

DALILA MARIA DA SILVA



**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NO PROCESSO
EDUCATIVO**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

DALILA MARIA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NO PROCESSO
EDUCATIVO**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Kleumanery Melo Barbosa

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

SILVA, Dalila Maria da, 1988 - A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NO PROCESSO EDUCATIVO: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Fulano da Costa. – 2015.
34 f.

Orientador(a): Kleumanery Melo Barbosa

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. BARBOSA, Kleumanery de Melo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD:



Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES VISUAIS NO PROCESSO EDUCATIVO*, de autoria de Dalila Maria da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Kleumanery Melo Barbosa – Orientadora

Prof.^a Conceição Linda da França (Membro da banca)

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha

Coordenador do CEEAV

PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por essa oportunidade, por ter me iluminado para mais esta conquista.

A professora e orientadora Kleumanery de Melo Barboza por seu apoio, orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Aos tutores Raphaela, Luís Carlos e Moísa, por estarem junto a mim nessa caminhada, pela paciência e dedicação.

A minha mãe Dulcinéia e meu namorado Marcelo, por me encorajarem, me incentivarem a não desistir do meu ideal.

Obrigada a todos vocês por participarem desta minha etapa, pois direta, ou indiretamente me ajudaram no meu crescimento, tanto pessoalmente como profissionalmente.

"Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível."

(Charles Chaplin)

RESUMO

A Arte sempre esteve presente na história da humanidade, tanto que, se observar as primeiras formas de comunicação encontrará arte, nos mais diversos modos de expressão. Ao investigar a contribuição da arte no universo infantil, observa-se que a mesma é tão presente que torna-se um dos primeiros estágios da criança, pois a arte vai além do comum, do básico, e das crianças bem entende isso. A dança, a pintura, as expressões do corpo, a música, o desenho são formas de arte que as crianças mais praticam e muitas vezes são expressões puras e natas de cada uma, trazendo consigo histórias, traços de personalidade, mesmo em casos de garatuja. Por isso, o papel do professor ao ensinar artes para crianças se torna fundamental, pois terá que transmitir o conceito de explorar, descobrir e criar sem intervir na ideia de construção da criança, permitindo que a mesma expresse da melhor forma, expondo seus pontos de vistas e desejos por meio de traços e cores. O que se observa é que as Artes dentro do conceito de disciplina no Brasil são recentes, outrora, verifica-se que era tida como passatempo não só para as crianças, mas para os professores, que diversas épocas da história brasileira as mesmas foram vistas como uma disciplina que não remetia a reprovação escolar, no entanto, depois do surgimento das Leis de Diretrizes da Educação Brasileira, a qual sagrou –se como disciplina e parte integrante do conteúdo interdisciplinar da educação infantil. O presente trabalho visa apresentar um levantamento bibliográfico sobre a Arte na Educação Infantil.

PALAVRAS CHAVES: Arte. Educação Infantil. Processo Educativo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. ARTES: ABORDAGEM HISTÓRICA	10
2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E A ARTE	14
3. O PAPEL DO PROFESSOR	24
3.1 DISCUSSÃO SOBRE A ARTE NA EDUCAÇÃO IFANTIL	30
CONCLUSÃO	34
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	35

INTRODUÇÃO

A arte dentro do seu contexto histórico das artes na história da humanidade vê-se que está presente desde a pré-história, onde o homem se comunicava por meio das artes e pinturas rupestres.

Na educação infantil foi entendida por muito tempo como mero passatempo dentro da sala de aula, ou mesmo em casa, com a finalidade de ocupar as crianças, enquanto os adultos tinham seus diversos afazeres domésticos ou laborais.

Considera-se como uma das principais atribuições da arte na educação infantil a possibilidade que ela tem de despertar o interesse, a curiosidade, a criatividade, bem como as habilidades e potencialidades das crianças, que quando inseridas com outras tem uma nova bagagem cultural, além de aprender de forma efetiva o convívio social.

Há casos em que a criança gostar de criar sozinha, geralmente ela gosta da aprovação de um adulto quanto as suas obras e atividades, a aprovação é algo que vem desde os primórdios.

A arte na educação infantil desperta as habilidades cognitivas e emocionais, ao qual ela expressa por meio de seus rabiscos ou garatujas o que realmente passa-se em seus pensamentos e sentimentos.

O presente trabalho visa apresentar por meio de levantamento bibliográfico a importância das Artes na Educação Infantil, isso se dará por meio da contribuição de documentos, livros, revistas e periódicos que se referem ao desenho na educação infantil no processo de formação da criança.

1. ARTES: ABORDAGEM HISTÓRICA

Neste capítulo, apresentamos um breve histórico do ensino das artes no Brasil, através de uma análise histórica, detectando os fatores de maior relevância e relatando de forma breve, como se deu o desenvolvimento do ensino de artes no país. Desse modo, essa análise traz esclarecimentos importantes sobre os avanços do ensino das Artes.

Na educação formal, o ensino da arte tem sua origem relacionada à criação da Academia Imperial de Belas Artes, em 1816, com a chegada da Missão Artística Francesa, ao qual apresentava um modelo neoclássico, considerada por muitos autores como uma verdadeira “invasão cultural de cunho elitista” (BARBOSA, 2009, p. 28).

No final do século XIX, após a abolição da escravatura em 1888, foram realizadas reformas sociais e políticas e a educação que era entendida como setor estratégico para o desenvolvimento do país teve que seguir esse processo.

Desse modo, para Silva e Araújo (2007), o ensino de Arte passou a desempenhar um importante papel com o ensino do desenho como linguagem da técnica e da ciência, sendo “valorizadas como meio de redenção econômica do país e da classe obreira, que engrossará suas fileiras com os recém-libertos (BARBOSA, 2002, p. 30).

Na primeira metade do século XX, inseriram-se nos programas de ensino das escolas primárias e secundárias as seguintes disciplinas: Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico¹, aos quais eram ministrados de forma recreativa nos intervalos das aulas e disciplinas ou para as reuniões escolares, permanecendo na grade curricular até 1958 (LEMOS JUNIOR, 2010).

¹ Constitui-se em um sistema de canto coral, com origem na Europa na metade do Século XIX, ao qual os grupos se apresentavam em locais público.

Na década de 30 surge o movimento denominado “Escola Nova”, sobre a influência do filósofo americano John Dewey, ao qual refere-se à valorização da capacidade de pensar do aluno, de criar formas de que o mesmo questione a realidade, buscando sempre o crescimento físico, emocional e intelectual do aluno por meio da execução de tarefas associadas ao conteúdo ensinado. O movimento tinha por princípio que a escola deveria se constituir e se organizar com os princípios de democracia, centrando a ação pedagógica no aluno, no seu desenvolvimento, nas suas motivações e interesses.

Inspirados em alguns princípios da “Escola Nova”, Mário de Andrade e Anita Malfatti começam a encarar a produção pictórica da criança com mais critérios e a luz da filosofia da Arte, propondo que os alunos tivessem incentivos dos professores para que se tornassem cidadãos questionadores, pensantes, cooperativos, ao qual trocam experiências, sentimentos em busca de uma convivência melhor, ampliando o meio social em que o aluno está inserido.

Segundo Barbosa (2002), uma orientação baseada na livre expressão e no espontaneísmo só se iniciaria nas aulas para crianças que Anita Malfatti (1860 – 1964) em 1930 mantinha em seu atelier e com o curso para crianças, criado na Biblioteca Infantil Municipal pelo Departamento de Cultura de São Paulo quando Mário de Andrade era seu diretor (1936-38).

No fim dos anos 40 o ensino de Arte ganha mais força com a criação das “Escolinhas de Arte”, priorizando que o ensino de Arte fosse pautado na livre expressão. Segundo Ana Mae Barbosa, a Escolinha de Arte, em parceria com o governo, promoveu vários cursos de formação de professores, com “uma enorme influência multiplicadora, chegando a haver 32 Escolinhas no país”, nessas escolinhas as crianças tinham por finalidade a expressão dos seus sentimentos, entretanto, não havia perspectivas ou aprendizados em artes, simples expressão composta em papel e cores (BARBOSA, 2003).

Através da Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692, implantada em 1971, foi instituída no currículo a Educação Artística, tornando o ensino de Arte

polivalente. Não houve melhorias na qualidade de ensino, visto que foi feita a promulgação da lei sem prever a formação dos professores.

No ano de 1973, foram criados cursos superiores de Educação Artística, na qual tinha em seu currículo disciplinas como conhecimentos de música, artes plásticas e teatro. Porém não havia uma formação continuada e os professores sentiam-se despreparados para o planejamento de Artes. Diante do exposto as aulas de Artes passaram a ser vistas como aulas de relaxamento, de divertimento não sendo valorizada, não sendo entendida como área do conhecimento.

A disciplina de artes era voltada para ensinar o que era artes, principais artistas da história, história da arte, ao qual era passado desenhos, músicas, teatros e filmes escolhidos pelos professores, não permitindo que o aluno expressasse seu conhecimento de artes de outra forma, ou seja, era seguido o planejamento, isso retratou em situações em que os alunos não demonstravam interesse nas aulas, criando diversas dificuldades para os professores, pois não conseguiam motivar todos a participar, é era esse o ponto que causava problemas, pois os alunos queriam criar e não participar.

Com a nova LDB (lei nº 9394/96), fica extinta a Educação Artística, sendo substituída pela disciplina Arte, reconhecida oficialmente como área do conhecimento, de forma mais inclusiva, dessa vez permitindo que o aluno expusesse seus pensamentos e criações nas aulas de artes.

O artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu § 2º, dispõe que “§ 2º. O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Outro grande marco na história do ensino de Arte foi a “Proposta ou Metodologia triangular” difundida por Ana Mae Barbosa, essa proposta aborda três vertentes do conhecimento em Arte: o fazer artístico, a leitura da imagem e a contextualização histórica.

A proposta de Ana Mae Barbosa visa abranger as áreas de leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística, ou seja, o fazer, criando conectores para o ensino aprendizagem, buscando criar no aluno/criança a ideia de que criar faz bem, é lúdico e é possível para qualquer um, bastando querer criar.

A Educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracteriza um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (PCN, 2001, p.19).

2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E A ARTE

Dentro do panorama da educação, e, principalmente na Educação Infantil, o ensino das Artes são consideradas uma linguagem e uma das formas importantes de se expressar e de se comunicar no mundo e na sociedade, se tornando indispensável, que que sofreu várias alterações no decorrer das décadas (VYGOSTSKY, 1991).

Dentro do âmbito escolar tradicional, o ensino de Arte era voltado para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor que trabalhava com exercícios por eles selecionados e livros didáticos (BARBOSA, 2003).

Esse panorama mudou com a publicação da Lei nº 9.394/96, ao qual revigoram-se as disposições anteriores e a Arte é considerada obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (Art. 26, § 2º) (BRASIL, 1998).

Dessa forma, evidenciaram-se as características desse novo marco curricular: as reivindicações de identificar a área por Arte, e não mais por Educação Artística e de incluí-la na estrutura como disciplina com conteúdo próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade (GIL, 2002).

Desde muito cedo as crianças têm suas próprias impressões, ideias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico. Assim sendo, essas construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida e que envolvem a relação com a arte, com o mundo dos objetos e com seu próprio fazer (MONTAGNI, 2009).

Elas exploram o ambiente, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências, construindo assim significações sobre como se faz, o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte.

É no fazer artístico e no contato com os objetos de arte que parte significativa do conhecimento em Artes acontece:

“Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis” (BRASIL, p. 85).

Através das expressões artísticas de cada criança são externizados os sentimentos, as emoções, as expectativas e os anseios ao mesmo tempo em que se estabelecem novas reflexões com a realidade em que se está vivenciando.

Sendo assim, é nessa interação com o meio e ao mesmo tempo com o outro que ocasiona experiências significativas no desenvolvimento afetivo, cognitivo, psíquico e de socialização na vida dos alunos, principalmente na faixa etária que se encontram na Educação Infantil, onde tudo se transforma numa construção de conhecimentos.

Segundo Prosser (2003), tem-se que:

“O ensino da arte e o aprendizado por meio da arte nas escolas de ensino regular contribuem, portanto, para que a escola proporcione condições para que seus alunos se tornem sujeitos do seu conhecer, na interação com seu meio ambiente, para agir e transformar continuamente sua realidade, pela sua inteligência” (PROSSER, 2003, p. 10).

O ensino de Artes na Educação Infantil contribui para o desenvolvimento do lado pessoal da criança, levando-a a realização de si próprio e dos outros, despertando o equilíbrio, o prazer, a alegria, a paz, compreensão, confiança, reciprocidade e contribui para a formação integral do ser humano, sem falar que ela é também um agente transformador, que leva o indivíduo a ser construtor de um mundo melhor, despertando para o lado bom da vida.

Ao pintar uma tela, uma folha ou até mesmo uma parede de azulejo, a criança está ampliando sua relação com o mundo de forma espontânea. Portanto, dessa forma a criança apropria de diversas linguagens adquirindo uma sensibilidade e capacidade de lidar com formas, cores, imagens, gestos, fala e outras expressões (MONTAGNI, 2009).

Eisner (2008) em sua visão relata que:

“Há quatro coisas principais que as pessoas fazem com a arte. Elas a fazem. Elas a veem. Elas entendem o lugar da arte na cultura, através dos tempos. Elas fazem julgamentos sobre suas qualidades. Além disso as artes envolvem aspectos estéticos que estão relacionados a educação da visão, ao saboreio das imagens, à leitura do mundo termos de cores, formas e espaço; e propiciam ao sujeito construir a sua interpretação do mundo, pensar sobre as artes e por meios das artes” (EISNER, 2008, p. 15).

A criança recebe muitas informações do meio ao qual está inserida, sofrendo influências culturais variadas, através de imagens, livros, revistas, obras de artes, cinema, televisão e outros, onde as Artes se caracteriza através desses aspectos.

Segundo o BRASIL (2008), poderá ocorrer por meio do fazer artístico, da apreciação e por meio da reflexão:

“Fazer artístico- centrado na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal; Apreciação – percepção do sentido que o objeto propõe, articulando-o tanto aos elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver, por meio da observação e da fruição, a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores; Reflexão – considerada tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas (BRASIL, 1998, 89).

Fica evidente que as Artes são relevantes na Educação Infantil tanto para o conhecimento cognitivo quanto para o emocional.

2.1 O desenho na Educação Infantil

O desenho é uma das primeiras formas gráficas de expressão das crianças, ao qual tem todo um significado para as mesmas e que nem sempre é bem interpretado pelos adultos.

Para Salvador (1999), não pode considerar que as expressões emitidas pelas crianças nos desenhos sejam consideradas senso comum, pois cada desenho emite situações e interpretações distintas para o momento.

É relevante citar a forma em que o desenho infantil na visão dos educadores, haja vista que, o mesmo tem sua função de promoção do desenvolvimento da criança, não sendo apenas passa tempo, essa visão aparece nas Orientações Curriculares para a Pré Escola ao qual cita que:

“Não se pode, porém, esquecer que o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torná-la uma atividade educativa” (BRASIL, 1997, p.61).

Vygotsky (1999), sempre defendeu a ideia de que o desenho para a criança é o momento de expressão pessoal, não podendo ser uma obrigação nem mesmo um passatempo, para tal, as crianças deveriam entender o desenho como uma brincadeira gostosa a qual todos participam e contribuem ao mesmo tempo, ou seja, professor e criança, criança e professor.

Gomes de Sio (2004), também descreve que o desenho e as brincadeiras deveriam ser considerados estágios essenciais e preparatórios para o desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças.

A criança inicialmente sente prazer em “rabiscar”, descobre cores, aos poucos os “rabiscos” vão ganhando formas definidas e é através dos desenhos que a criança expressa seus sentimentos, suas emoções, desenha momentos vivenciados, esses registros são resultados de sua vivência de mundo.

Para Méredieu (1995), as crianças já nascem com estímulos para explorar espaços e inicia essa fase por meio de rabiscos, em busca de comunicar suas ideias através do papel.

As atividades lúdicas, incluindo os desenhos, deverão ofertar oportunidades de construção da percepção do mundo da criança, em busca de se posicionar, de ser coautora de sua história, de ser protagonista, não sendo mera receptora de informações (MÉREDIEU, 1995).

As crianças aprendem a nomear esses objetos, suas utilidades, seus aspectos formais (tais como volume, cor, tamanho, textura, entre outras características), ou qualidades e funções (GARDNER, 1999).

Para que isso ocorra é necessário a colaboração do outro (pais, professores), pois sozinhas elas nem sempre conseguirão atingir ou mesmo observar as diferenças, sendo que muitas vezes sua atenção é dirigida as características não essenciais e sim as mais destacadas dos objetos ou imagens, como por exemplo, as mais brilhantes, mais coloridas, mais estranhas (FERRAZ E FUZARI, 1993, p. 49).

As autoras Paiva e Cardoso (2010), relatam em seu trabalho que os estudos sobre o desenho infantil estão fundamentados nas concepções psicológicas e estéticas dentro do contexto cultural em que as crianças vivem.

Mialaret (1969), afirma que mediante esses pensamentos sobre o aprendizado da criança despertou um outro tipo de estudos, a contribuição psicológica da análise de desenhos infantis.

São os psicólogos e artistas que descobrem a originalidade dos desenhos infantis e publicam as primeiras “notas” e “observações” sobre o assunto (RIBEIRO, 2007, p. 37).

Segundo Luquet (1979, p. 88), em seus estudos relata que “o desenho infantil, enquanto manifestação da atividade da criança permite penetrar na sua psicologia e, portanto, determinar em que ponto ela se parece ou não com a do adulto”.

De certa forma os autores já citados transpuseram o domínio do grafismo, enquanto a descoberta fundamental de Jean Jacques Rousseau sobre a maneira própria de ver e de pensar da criança desbravava o tempo e a

história em busca de reafirmar que a criança não só desenha, como também produz arte (PAIVA E CARDOSO, 2010).

As concepções relativas a infância modifica-se progressivamente. A descoberta de Leis próprias da psique infantil, as demonstrações da originalidade de seu desenvolvimento levaram a admitir a especificidade desse universo (PILLAR, 1996).

Piaget (1948), diz que a representação é gerada pela função semiótica, a qual possibilita a criança reconstruir em pensamento um objeto ausente por meio de um símbolo ou signo. A representação é condição física para o pensamento existir, conforme cita Pillar (1996) em seus estudos:

“O que constitui a função semiótica e o que a faz ultrapassar a atividade sensório-motora é a capacidade de representar um objeto ausente, por meio de símbolos ou signos, o que implica poder diferenciar e coordenar os significantes e os significados ao mesmo tempo” (PILLAR, 1996, p.26).

Vários estudos foram realizados para apresentar a evolução dessas gravuras, conforme relatam Picosque e Guerra (1998) e Kellog (1985), que desenvolveram uma mandala para expressar as fases de desenvolvimento dos desenhos infantis.

Essa mandala é representado por um círculo com diversas sequencias de figuras que mostram a evolução dos desenhos das crianças.

Novamente Luquet (1912), descreve que há quatro estágios para o desenho infantil, conforme vê-se a seguir:

“O Realismo fortuito: começa por volta dos dois anos e põe fim ao período chamado rabisco. A criança que começou por traçar signos sem desejo de representação descobre por acaso uma analogia com um objeto e o seu traçado passa a nomear seu desenho; Realismo fracassado: por volta dos 3 a 4 anos tendo descoberto a identidade forma-objeto, a criança procura reproduzir esta forma. Surge então uma fase de aprendizagem pontuada de fracassos e de sucessos parciais; Realismo intelectual: estendendo-se dos 4 aos 10 anos, é o principal estágio e caracteriza-se pelo fato que a criança desenha do objeto não aquilo que vê, mas aquilo que sabe, essa forma expressiva” (LUQUET, 1912, p. 36).

Observa-se então que o desenho é uma forma interessante de expressão das crianças e para tal, conforme observa Piaget (1948), as crianças os desenvolve de forma diferente a cada fase. Para Piaget (1948) a primeira forma de expressão do desenho infantil é a garatuja, seja ela ordenada, ao qual a criança respeita o limite do espaço destinado ao desenho, ou desordenada, ao qual a criança não apresenta sensibilidade de respeitar o espaço limitado ao desenho, o seu corpo move em todo o espaço disponível.

Figura 1: Garatuja segundo Piaget



FONTE: PIAGET, (1948).

Segundo Piaget (1948), a Garatuja inicia-se com as habilidades sensório motoras que vão de 0 a 2 anos, assim como na fase pré operacional, que vai dos 2 ao 7 anos, no caso as crianças tentam desenhar figuras humanas, mas estas acontecem somente na imaginação, para tal, somente as crianças poderão interpretar do seu jeito.

Autores como Rabello (1935), Rioux (1951) e Rouma (1947), apresentaram estudos em que os rabiscos se dividem em três estágios distintos: estágio vegetativo motor, iniciando por volta do 18º mês, ao qual a criança faz traçados mais arredondados, alongados e não tira o lápis da folha, criando desenhos em espirais; o segundo estágio seria o representativo, caracterizado entre o 2º e o 3º ano, ao qual a criança já inicia traços contínuos e descontínuos e já inicia a fase dos comentários verbais sobre os desenhos e por último o estágio comunicativo, ao qual ocorre por volta dos 3º ao 4º ano, nessa fase os desenhos tomam forma de serras ou dentes de serras e iniciam a reprodução das escritas, buscando passar a imagem que também podem se comunicar como os adultos, conforme relata Greig (2004):

“À medida que rabisca, a criança transforma seus rabiscos em círculos, progredindo gradativamente da “Figura Radiante”, Figura Continente” para realizar, em seguida, a “Figura Girino” em torno dos 3 anos e meio, adquirindo o duplo controle de partida e de chegada, marcado pela realização do círculo, por volta dos 3 anos, e do quadrado, por volta dos 4 anos (figura mais complexa)” (GREIG, 2004, p. 19).

Ao continuar seus estudos, Greig (2004), observou que passado cerca de um ano, as crianças vão desfazendo o homem girino e passa a traçar a cabeça para o mesmo, desenhando cabelos, olhos, boca, cílios e sobrancelhas, orelhas, nariz, bochechas e roupas, explorando mais suas atividades artísticas com o desenho, as crianças também desenhavam casas, árvores, rabiscam animais em geral.

Para Meredieu (2004, p. 65), relata que a forma dos desenhos infantis não deverá ser a mais importante análise do mesmo, “mas a gramática gerativa que permite compreender como uma criança passa de uma figura para outra, como consequência da evolução de seus desenhos”.

Bordoni (2000), retrata de forma simplificada as diversas fases e teorias dos estudos sobre o desenho infantil, ao qual destaca as principais teorias e suas características mediante cada fase das crianças. Ele divide essas fases em grupos.

O primeiro grupo, Pré Esquematismo, caracteriza-se por estar dentro da fase pré-operatória, criando uma singularidade entre desenho, pensamento e

realidade, ligados à emoção da criança, é nessa fase que surge a garatuja, que são riscos, sem controle motor, sem limites de espaço e aproximadamente aos 2 anos as crianças já começam a criar figuras humanas, dos 2 aos 4 anos as crianças começam a desenvolver a noção de espaço, dos 5 aos 7 anos a criança já explora as figuras humanas, inserindo imagens da natureza que estão mais relacionadas aos livros e imagens vistas anteriormente, assim como as paisagens dos caminhos ao qual as crianças passam (MEREDIEU, 2004).

Segundo Gardner (1996):

“[...] o desenho da criança atinge seu ápice quando ela busca explorar as possibilidades e as limitações dessa linguagem, [...] ela começa a criar cenas com os objetos, isto é, estabelece um vínculo entre as formas desenhadas e sua disposição no espaço da folha” (GARDNER, 1996, p. 47).

O Esquematismo é o segundo grupo e apresenta a fase das operações concretas, ao qual vai dos 7 a 10 anos, onde os desenhos são esquemas representativos, há delimitação do espaço, entende-se as imagens das figuras humanas, fazem usos de cores variadas, ao qual cada cor expressa uma emoção (BORDONI, 2000).

O Realismo é a fase em que a criança aprende a distinguir o sexo pelas roupas, acessórios desenhados, com jogo simbólico coletivo e existência de regras.

Novamente Cardoso e Paiva (2010, p. 09), afirmam que “no início, a criança trabalha sobre a hipótese de que o desenho serve para imprimir tudo o que ela sabe sobre o mundo”.

Gardner (1999), trabalha uma abordagem cognitiva, seguindo a mesma linha de pensamento de Piaget (1948), baseada nas simbolizações, afirmando que o desenvolvimento infantil sofre influências externas, por meio da convivência sócio cultural, familiar e principalmente pelo meio escolar.

Segundo Santos de Jesus (2012) a importância do papel da arte nas escolas é promover reflexões sobre a integração das atividades artísticas no currículo escolar, enquanto área específicas, bem como, mecanismos para promoção de um aprendizado significativo. Essa área por muito tempo vem

sendo trabalhada na sala de aula como mera auxiliadora das demais disciplinas.

3. O PAPEL DO PROFESSOR

Ao relacionar-se com as crianças deve-se observar a forma como expressará a opinião ao ser indagadas por elas se suas atividades estão bonitas ou não.

As crianças tendem a se comparar e querer apresentar o que para elas é o melhor, entretanto, conforme a análise que o adulto fizer, essa criança poderá sentir melindrada e deixar de praticar diversas atividades pelo fato ocorrido.

As crianças são questionadoras por natureza, e questionar o que elas sentiram, pensaram ou que mensagem elas expressaram por meio de seus desenhos ou rabiscos ainda é o melhor caminho, pois estimula o aprendizado e a compreensão.

Em um estudo sobre como o professor interpreta os desenhos das crianças, Pillar (1996), descreveu que ao observar as atividades artísticas das crianças, em seu momento de criação dos desenhos, de sua forma de expressar, observou que esses mesmos desenhos ofertavam uma riqueza imensa análises de interpretações, “os braços de uma figura humana saem da cabeça e não do tronco” ou seja, nesse caso o autor observou que não era que a criança não sabia desenhar ou não tinha noção de como é o corpo humano, mas sim, que apresentar problemas de motricidade fina.

Deixa a criança desenhar é a melhor forma que se tem de fazê-las adquirir habilidades e liberdade de expressão, cultivando-as para serem adultos com clareza de ideias e conceitos: "a criança incorpora suas manifestações expressivas: canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto ouve histórias, representa enquanto fala" (DERDYK, 2003).

Entretanto, se o educador não possuir experiências práticas com crianças, de forma vivenciada, avaliará os desenhos e rabiscos de forma errônea, ou seja, não valorizará a ideia e conceitos que a própria criança está construindo, “todo desenho vem carregado de significados e a criança quando

vê seu desenho valorizado fica entusiasmada e aprende cada vez mais” (GALVÃO, 2009, p. 55).

A ideia é fazer a arte ser parte integrante do dia a dia das crianças, não como mero passatempo, mas um estar de corpo inteiro em um espaço destinado a expressar e criar, por isso o professor tem que ter a ideia de ensinar na liberdade.

As experiências atuais para educação infantil estão cada vez mais voltadas para a autonomia do aprendiz, devendo o professor monitorar o comportamento do aluno em sala de aula e nunca limitar as experiências de artes dos alunos, valorizando o repertório de imagens, gestos e falas das crianças.

Experiências como a ocorrida em Reggio Emilia na Itália, ao qual a escola foi construída pelos pais, a fim de, manter seus filhos pequenos na escola (na Europa as crianças menores de 8 anos não têm hábitos de frequentar as “escolinhas” sendo essa a primeira experiência).

Reggio Emilia é uma cidade italiana famosa por sua notória forma de trabalhar a educação infantil.

A cidade de Reggio Emilia tem uma história fascinante sobre superação por meio da união dos seus habitantes que reconstruíram a cidade. A preocupação era que todos recomeçassem a viver novamente sobre as sombras da terrível e avassaladora guerra.

Diante da necessidade de reconstrução veio a ideia de construir um barracão escola para que as crianças pudessem ficar enquanto os pais trabalhavam, para tal, contaram com a ajuda dos que contribuíram para a devastação do local, os alemães.

Iniciou-se com essa atitude o primeiro ensinamento aos filhos, o da superação, ao qual os pais reconstruíram a cidade das cinzas. A linguagem trabalhada pela escola de Reggio Emilia é vinculada a arte, conforme prescrevera Loris Malaguzzi, precursor da teoria de que a criança é o centro do

ensino aprendizagem e o aprendizado ocorrem de forma dupla, ou seja, aprende e ensina.

A principal regra é organizar os trabalhos de forma que as crianças se sintam constantemente envolvidas, acolhedoras e ao mesmo tempo portadoras de habilidades como descobrir, criar e aperfeiçoar suas habilidades mediante ao mundo a sua volta.

Novamente Kerr Azevedo (2006) contribui relatando que:

“Essas crianças passam a pesquisar o tema, vão às ruas observar, investigar, experimentar e depois voltam à escola para se expressar da melhor forma que sabem, por meio de símbolos artísticos, como desenho, esculturas, pintura, etc. As atividades são exploradas ao máximo, até que a criança se dê por satisfeita. Quando elas não conseguem se expressar como gostariam, são encorajadas a refletir e recomeçar. Assim como aconteceu com aquelas mães logo após a guerra!” (KERR AZEVEDO, 2006, p. 01)

O legado dessa comunidade é mencionado até hoje como referencia para a educação infantil, haja vista que, a preocupação com a educação dos filhos sensibilizou toda uma comunidade em busca da qualidade e garantia de um futuro melhor para os filhos.

O fato tornou-se notório, porque na Itália não é obrigatório crianças ir a escola, somente quando iniciam o equivalente ao ensino fundamental no Brasil, exceto em Réggio Emilia que possuem 12 creches e 21 escolas infantis.

A arte é uma das principais ferramentas de ensino nessa experiência que tem avançado continentes e se tornado uma das melhores referencias em educação infantil contemporânea.

Dentro desse contexto, as artes confeccionadas pelas crianças são expostas de forma que todos tenham acesso e aprendam a admirar não só a sua obra, mas também a dos colegas, de forma a aprender a fazer julgamentos artísticos, ou mesmo aprender a reconhecer a arte em outros objetos.

A criança passa a ser a protagonista de sua arte, suas obras, sua história. Ao relacionar o papel da infância dentro deste contexto, observa-se que as mesmas não eram vistas como indivíduos de direitos garantidos, observando que as mulheres buscaram sua autonomia juntamente com a revolução industrial, entretanto, as crianças ainda se mantinham como

coadjuvante, podendo apenas obedecer e receber informações, ou seja, mera receptora dos adultos, deixando de serem elas mesmas (JUNQUEIRA, 2013).

As crianças, em uma análise sociológica observa-se que há sempre uma manipulação da personalidade da criança, ela não tem muito espaço para ser o que ela realmente é, ou seja, se ela demonstra ter entendido uma história ou imagens de uma forma, diferente do que foi apresentado, ela será corrigida, receberá informações de como é na realidade não deixando-a expressar a sua concepção do fato, isso é uma questão tendenciosa, haja vista que, culturalmente é o adulto quem ensina a criança, o adulto é protagonista (ANDRE, 1995).

Vygotsky (1983), abordava muito sobre o desenvolvimento cultural da criança, para ele o meio influencia muito, mas esse meio deveria ocorrer constantes interações para que a criança se desenvolvesse socialmente, criando conceitos e ideias, assim como valores e formas de comportamento.

Segundo Santana (2008), o protagonismo infantil vai além da ideia de infância, segue a ideia de ter as crianças como atores sociais da sua vida pessoal e social, ao qual se deve reconhecer os seus direitos como cidadãos que buscam seu espaço na sociedade.

Deve-se considerar que nos últimos anos, segundo Ministério da Educação e Cultura (MEC, 2013), tem-se elevado o número de bebês nas instituições de educação infantil e isso estimula a novas abordagens sobre qual será o papel protagonista desses bebês e de crianças até 3 anos dentro da educação infantil.

Deve-se considerar segundo Fochi (2013, p. 01), três aspectos fundamentais para o trabalho infantil: “as práticas cotidianas desenvolvidas com as crianças, a interação e brincadeiras direcionadas ao aprendizado e o patrimônio/conhecimento”.

Figura 2: Criança em momento de criação sendo monitorada pelo tutor



Percebe-se que em casos de crianças de 0 a 3 anos, as mesmas, ficam submetidas às compreensões e ideias dos mais velhos, não tendo muito espaço para a interação da sua percepção, haja vista que, não se tem muitos documentos amparando a educação nessa idade, mesmo que nessa idade suas criações não passem de rabiscos de garatujas.

Em casos de educação infantil com crianças de 0 a 3 anos, tem-se que o primeiro passo é estabelecer vínculos com a família da criança, mesmo porque, cada família relaciona e realiza diversas atividades com as crianças de forma diferentes, e a escola respeitará essa diversidade tão comum nessa idade.

Ressalta-se que o projeto político pedagógico para os bebês e crianças pequenas deverá ser construído por meio de contribuições dos professores e demais pessoas da instituição que tenham contato com a criança e a família, buscando sempre estimulá-lo por meio da arte, seja ela desenho, garatuja, dança contos, entre outros.

Baseado nessas necessidades observa-se que o governo federal, preocupado com a qualidade do ensino e aprendizagem das crianças nas aulas de artes, desenvolveu parâmetros que servem para nortear os processos com o ensino das crianças, sendo eles o Parâmetro Nacional de Qualidade para

Educação Infantil e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 2013).

A ideia é realmente trabalhar com o contexto do professor como mediador, que busca instigar a criança a refletir sobre as imagens, formas, cores, texturas, de maneira reflexiva e construtiva.

Para o ensino de Artes para as crianças é necessário que o professor seja sensível as criações, as ideias e aos objetivos finais das crianças ao terminar suas obras.

Cabe ao professor estimular que as ideias das crianças saiam para o papel em formas, cores, por meio de diversos materiais expressos, como lápis de cor, caras, massas, canetas, papelão, giz de cera entre tantos outros que contribuem de forma relevante para o aprendizado da arte na educação infantil.

3.1 DISCUSSÃO SOBRE A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Observa-se que materiais de apoio como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) chega a nortear o processo das aulas de artes, entretanto, poderá ser associado a outras propostas.

O RCNEI apresenta-se em 03 (três) volumes, sendo o Volume I dedicado ao ensino para pré escolas e Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEI), o Volume II, aborda questões como expressões, sexualidade, aprendizagem, brincadeiras, linguagem e apropriação corporal, usando a arte como forma de explorar esses itens.

Este volume está mais voltado as atividades com crianças de 6 meses a 3 anos visando apresentar a auto estima, escolhas, faz de contas, interação, imagem, cuidados e segurança (BRASIL, 2012).

Para as crianças de 3 a 6 anos, o aprendizado é voltado como nome, imagens, independência e autonomia, cuidados pessoais e o uso da arte para manifestos de personalidade, como exemplo, por meio da dança, movimentos com o corpo e pinturas com cores mais elaboradas, nessa etapa, eles já têm noção de espaço.

Já o Volume III, trabalha com os eixos de Arte, sendo então explorados os movimentos, músicas, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza, sociedade e matemática. De uma forma mais exploratória, tem-se a seguir a descrição dos capítulos vinculados a Arte na Educação Infantil.

As artes trabalhadas nesse RCNEI III atribuem a comunicação e a expressão da criança com o mundo a sua volta, por meio de danças, músicas, construções com massas e afins, o que causa a impressão que há um desencontro entre teoria e prática.

As artes visuais é um caso que quando trabalhada na educação infantil tende a estimular a sensibilidade não só do professor que trabalha como um orientador, mas outras habilidades como a imaginação, a percepção as atividades cognitivas, as quais são trabalhadas de forma integrada estimulando o desenvolvimento da capacidade de criar, próprios das crianças.

A utilização de materiais gráficos e plásticos, com diversidade de texturas e cores, ampliam as ideias do que poderá ser realizado pela criança dentro do contexto de artes, podendo elas pintar, ou mesmo inserir massas em torno do objeto, poderão amassar, pisar, criar, recriar entre tantas outras habilidades desenvolvidas durante as aulas de artes.

A medida que a criança desenvolve ela passa para outro estágio, ao qual é possível observar o uso de elementos variados como barbantes, colagens, pinturas, modelagens e exploração do espaço.

Essa riqueza de materiais e recursos torna-se as aulas de artes essenciais para despertara o senso crítico nas crianças, aprendendo a analisar as artes dos demais colegas, criando a noção de convivência social, haja vista que, as crianças não praticam artes sozinhas, elas a fazem em parcerias, pois a arte não é algo para se apreciar sozinho, ou entender sozinho, a arte agrega, une, ensina e respeita os limites da cultura e da imaginação.

Alguns autores como Madalena Freire, Rubens Alves, Duarte Pilloto são defensores que o bom êxito das aulas de artes na educação infantil dependa exclusivamente do professor, que deverá estimular, despertar, conduzir as atividades de forma a deixar as crianças criarem e se divertirem.

É necessário quebrar o estigma de que aula de artes é passatempo para acalmar ou mesmo ocupar as crianças, as artes ultrapassam esses conceitos e busca se reposicionar como disciplina essencial para o desenvolvimento infantil.

No entanto, essas experiências são vistas em diversos países, principalmente no Brasil, ao qual algumas escolas aderiram a experiência de Reggio Emilia (Itália), ao qual tem-se o professor como estimulador das atividades e a participação efetiva dos pais no crescimento das crianças.

Para Malaguzzi o ensino deveria ser aplicado sem formalidade, e que todas as atividades pedagógicas se desenvolvessem por meio das ideias ofertadas pelos alunos sob a orientação dos professores, por meio de diferentes linguagens, principalmente pela linguagem visual.

Segundo Malaguzzi (1999) a teoria se fundamenta sobre três grandes princípios:

A- As crianças podem compartilhar seus conhecimentos e saberes, sua criatividade e imaginação por meio de múltiplas linguagens, sem enfatizar nenhuma. As múltiplas linguagens se evidenciam através do desenho, do canto, da dança, da pintura, da interpretação, enfim, divulgadas por distintas passagens que se somam na execução do projeto e nos saberes que são construídos. Anotar, fotografar, gravar e filmar é parte principal da rotina;

B- O mundo de conhecimentos não está dividido em assuntos escolares, mas é um grupo único, onde certas áreas são sugeridas por meio de projetos com uma matéria de trabalho;

C- A interação entre o adulto e a criança deve ser uma parceria, na qual interesses e envolvimento recíprocos devem permanecer e interagir para que um objetivo comum seja alcançado: o saber (MALAGUZZI, 1999, p. 169).

A escola, os móveis são construídos pelos pais e professores que sempre oferecem beleza e funcionalidade. O pensamento é o principal capital desse modelo de ensino, ao qual busca explorar a criatividade das crianças, por meio de diferentes linguagens como a dança, o debate, a música, desenhos, brincadeiras, artes em geral.

Para Malaguzzi a pedagogia tem que criar uma relação direta com a escuta, pois para ele a criança age como pesquisador, como detetive, sempre buscando o novo, o que ainda não está inserido no seu mundo.

Segundo Rinaldi (2012), tem-se que:

“Uma criança que é competente para construir a si mesma enquanto constrói o mundo e é, por sua vez, construída por ele. Competente para elaborar teorias que interpretam a realidade e para formular hipótese e metáforas como possibilidades de entendimento da realidade” (RINALDI, 2012, p.223).

O adulto nesse tipo de ensino aprendido é um intermediador, ao qual a criança criará diversos conceitos, mas mantendo sempre o respeito pela colaboração que o professor mantém dentro da sala de aula.

Outro fator interessante dentro da ótica da teoria de Malaguzzi é a contribuição contínua dos pais, os pais são componentes da escola, assim como os professores e alunos.

Eles participam de todo o processo educativo, as crianças cobram e esperam que a escola e a casa sejam uma só, não havendo portando registros

de crianças que não queiram ir para a escola, pois nessa teoria, assim também como é visto na prática, as crianças gostam de estar na escola, de poder debater com os amigos, colegas, poder explorar todas as partes do ambiente.

A arte dentro desse contexto de Malaguzzi, tem ofertado resultados positivos, ao qual tem-se crianças questionadoras, criativas, que buscam autonomia quanto as suas opiniões, visando sempre atender da melhor forma o ensino aprendizagem na educação infantil.

CONCLUSÃO

A educação infantil é uma das fases que mais recebem estudos direcionados, pois há uma grande preocupação com a base de ensino do futuro da nação.

A Arte dentro do contexto de Educação Infantil vem sendo debatida, pois requer dedicação as novas experiências, por isso a reestruturação em busca de uma educação de artes como disciplina integrante do processo de formação da criança no currículo da escola torna-se essencial.

As orientações para que as crianças entendam a arte como extensão de suas ideias e pensamentos vem ganhando espaços entre os pesquisadores, principalmente após a experiência bem sucedida em Reggio Emilia, Itália, ao qual Mallaguzzi experimentou a ideia de deixar as crianças aprenderem por si, através somente de estímulos dos temas a serem debatidos, não ficando somente em sala de aula, colorindo desenhos já confeccionados pelos professores.

Torna-se importante acompanhar os documentos ofertados pelo Ministério da Educação e Cultura, de forma a orientar as premissas e sequências, porém, a execução ficará a cargo dos projetos de trabalhos na educação infantil, a qual vem contribuindo para melhoria dos indicadores de aprendizado na educação, pois nessa fase as crianças estão mais dispostas para aprender, devido ao seu alto índice de curiosidade.

Por isso é fundamental que as artes sejam aplicadas de forma única e que as crianças construam seus conceitos e ideias, buscando firmar-se como ser integrante da sociedade que emite opiniões, tornando-se futuramente em um profissional que questiona ao qual não terá dificuldades de relacionamento, haja vista que já foi bem instruído quanto a isso.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**/Ana Mae Barbosa (org). In: conceitos e terminologias Aquecendo uma transformação: Atitudes e Valores no da Arte. 2 ed .São Paulo: Cortez,2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor, Som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

EINSER, Eliot W. **O Que Pode A Educação Aprender Das Artes Sobre A Prática Da Educação?** Artigo disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>. Acesso em 17 de Junho de 2015.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho ?** Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 2003.

GALVÃO, Izabel. **O desenho na pré-escola: o olhar e as expectativas do professor**. Artigo Disponível em: www.crmariocovas.sp.gov.br. Acesso em: 23 de Setembro de 2015.

FERRAZ, M.H. C. de T; FUSARI, M. F. de R. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRA, Aurora. **A criança e arte: o dia - dia na sala de aula** /Aurora Ferreira. 3.ed.-Rio de Janeiro:Wak Ed.,2008.

FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GARDNER, Howard. **Arte, Mente e Cérebro: uma abordagem cognitiva da criatividade**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

LUQUET, G.H. **Arte Infantil**. Lisboa: Companhia Editora do Minho, 1969.

MÈREDIEU, F. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1995.

MEREDIEU, F. **O desenho infantil**. 10ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2004.

POSITIVO, Sistema. **Artes Visuais para Educação Infantil**. Artigo disponível em: <http://www.editorapositivo.com.br/editora-positivo/professores-e-coordenadores/para-sala-de-aula/planos-de-aula/leitura.html?newsID=7263fafaf48a4fb2ade72fd8c56797df>. Acesso em 05 de Setembro de 2015.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Ensino da Arte**. Curitiba: IESDE, Brasil S.A., 2003.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. 4a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZENÍCOLA, Ana Maria. **Avaliação da aprendizagem através do desenho**. Psicopedagogia: Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia. São Paulo: São Paulo, v: 19, nº 55, setembro de 2001.